

## Inclusão Qualificada: o Lugar da Escuta no Processo Seletivo Discente das Casas Familiares Rurais do Baixo Sul da Bahia-Brasil

Joana Almeida<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Coordenação Regional da Bahia do Programa de Escolas Associadas da UNESCO (REDE PEA-UNESCO), Brasil. contato@joanaalmeida.com.br

**Resumo.** Este artigo apresenta a metodologia intitulada “Inclusão Qualificada”, desenvolvida entre 2016-2018, para a seleção de ingresso dos Jovens Agricultores nas Casas Familiares Rurais (CFRs) do Baixo Sul da Bahia-Brasil, que têm como base os fundamentos da Educação do Campo, e da Pedagogia da Alternância. A Inclusão Qualificada envolveu os Educadores Sociais das CFRs, os candidatos às vagas e, através destes, suas famílias e comunidades. A aplicação da ferramenta metodológica “Fotografia Escrita” ocorreu no período de imersão do processo seletivo, sendo seguida da análise dos dados via uma curadoria que ressaltou o papel da escuta das demandas levantadas. Como resultados, destacam-se a abertura dos participantes no campo da escrita, a dimensão gregária da seleção realizada de forma inclusiva, além da própria construção da ferramenta metodológica. Assim, a Inclusão Qualificada mostrou-se eficaz como modo de envolver os atores implicados através do exercício da escuta, fazendo do processo seletivo um processo transformativo.

**Palavras-chave:** Inclusão Qualificada; Processo Seletivo; Jovem Agricultor; Educador Social; Pedagogia da Alternância.

### **Qualified Inclusion: the Place of Listening in the Student Selective Process of the Rural Family Houses of the Baixo Sul of Bahia-Brazil**

**Abstract.** This article presents the methodology entitled “Qualified Inclusion”, developed between 2016-2018, for the admission selection of Young Agriculturist in the Rural Family Houses of the Baixo Sul da Bahia-Brazil, which are based on the fundamentals of Rural Education and Pedagogy of Alternation. The Qualified Inclusion involved the Social Educators of the Rural Family Houses, the candidates of the vacancies, and through them, their families and communities. The application of the methodological tool “Photograph Written” occurred during the period of immersion of the selective process, followed by analysis of the data via a curatorship that emphasized the role of listening to the collected demands. As results, highlight the openness of participants in the field of writing and the gregarious dimension of the selection realized in an inclusive way, besides the self construction of the methodological tool. Thus, the Qualified Inclusion proved to be effective as a way of involving the implied actors through the exercise of listening, making the selective process a transformative process.

**Keywords:** Qualified Inclusion; Selective Process; Young Agriculturist; Social Educator; Pedagogy of Alternation.

## 1 Introdução

*. . . o novo brota sem parar.*

(Morin, 2011)

Este artigo apresenta a metodologia qualitativa intitulada “Inclusão Qualificada” (IQ), desenvolvida entre 2016 e 2018, para a seleção de ingresso dos Jovens Agricultores nas Casas Familiares Rurais (CFRs) do Baixo Sul da Bahia-Brasil. De caráter participativo, a IQ consiste num processo seletivo humanizado que visa promover a aprendizagem colaborativa e a interação entre seus participantes, levando em conta tal vivência como um ato inclusivo. A questão de pesquisa levantada é de como os Jovens Agricultores participantes da seleção poderiam ser envolvidos no processo seletivo de modo a expor seus perfis vocacionais e projetos de vida para a equipe de Educadores, além de criar com

estes o vínculo necessário à aprendizagem mencionada, ainda que dentro da atmosfera de competição própria a uma seleção.

Assim, o campo de aplicação deste trabalho é a Investigação Qualitativa na Educação, especificamente na área da Educação do Campo no formato de Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio. Do ponto de vista temático, este texto localiza-se entre os Fundamentos da Investigação Qualitativa, no que concerne à sistematização de estudo com Abordagem Qualitativa, integrando os resultados obtidos durante os três anos consecutivos de aplicação do método na Casa Familiar Rural de Presidente Tancredo Neves (CFR-PTN), na Casa Familiar Rural de Igrapiúna (CFRI) e na Casa Familiar Agroflorestal (CFAF), esta sediada no município de Nilo Peçanha.

## 2 As Casas Familiares Rurais do Baixo Sul da Bahia

Como parte do estado baiano, o Baixo Sul está localizado na região Nordeste do Brasil e seu número de municípios varia a depender da classificação de regionalização considerada. Neste trabalho, adotamos a demarcação definida nacionalmente pelo Programa Territórios da Cidadania (PTC), segundo o qual o Baixo Sul da Bahia (BSB) é composto por 14 municípios (Fig. 1). Desses, sete são litorâneos e integram a chamada “Costa do Dendê”. Conforme o perfil territorial traçado em 2015 pela Coordenação Geral de Monitoramento e Avaliação (CGMA) do Ministério de Desenvolvimento Agrário brasileiro, sua área abrange 7.247,86 Km<sup>2</sup> e sua população é de 336.511 habitantes, dos quais 151.525 vivem na área rural, o que corresponde a 45,02% do total (CGMA, 2015, p. 1).

Possuidora da maior parte dos remanescentes de Mata Atlântica da Bahia, a região apresenta grande diversidade ambiental e tem a agricultura como pilar econômico. Ainda de acordo com a CGMA (2015), 59.825 pessoas têm como ocupação a agricultura familiar, cujos estabelecimentos somam 22.040 unidades. Além disso, o perfilamento aponta que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) desses municípios, que em 2000 eram “muito baixo” (0,000-0,499), em 2010 passaram a “baixo” (0,500-0,599) ou “médio desenvolvimento humano” (0,600-0,699), enquanto a capital do estado apresentou, respectivamente, os índices de 0,654 e 0,759 (“alto desenvolvimento humano”), e a Bahia ficou em 22<sup>o</sup> lugar no *ranking* nacional de 2010 com 0,660 (IBGE, 2018).

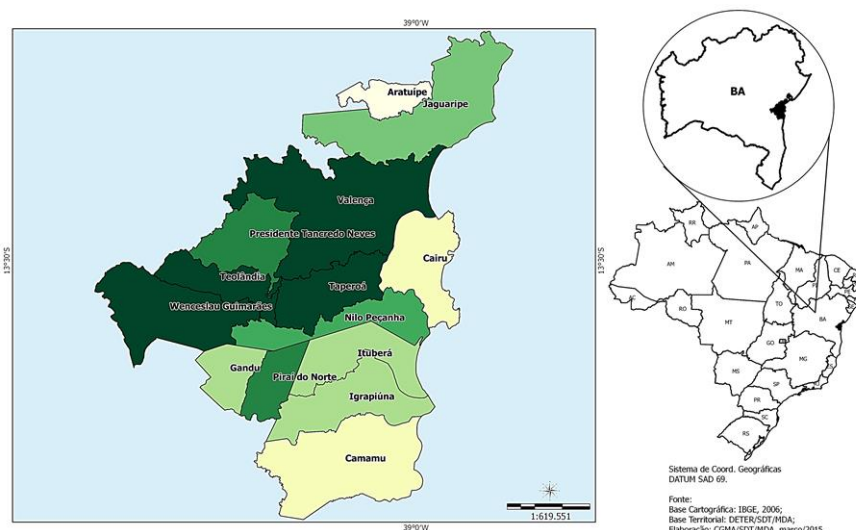


Fig. 1. Território da Cidadania Baixo Sul da Bahia/Brasil. Fonte: CGMA (2015, p. 1).

Nesse cenário, a partir de 2004, foram instaladas as Casas Familiares Rurais do Baixo Sul da Bahia, instituições de ensino voltadas para a formação de lideranças jovens agricultoras e vinculadas ao Programa de Escolas Associadas da UNESCO. Atualmente, essas CFRs oferecem cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária (CFR-PTN), Agronegócio (CFRI) e Florestas (CFAF), todos Integrados ao Ensino Médio e credenciados pelo Conselho Estadual de Educação da Bahia (CEE-BA) para certificar legalmente seus alunos formados.

A lógica do Itinerário Formativo das CFRs no BSB insere o adolescente numa formação integrada que parte do entendimento da importância da educação contextualizada. Assim, seus fundamentos metodológicos têm como base a Educação do Campo (Arroyo, 2005; Souza, 2006) e a Pedagogia da Alternância (Fonsêca & Medeiros, 2006; Gimonet, 2007; Jesus, 2008), ambas norteadoras da estruturação das CFRs no Brasil e no mundo (Estevam, 2003; Hingel, 2007; Queiroz, 2006).

Dois são os instrumentos pedagógicos que guiam os três anos de curso de cada turma das CFRs: o Plano de Curso criado para 45 Alternâncias a se realizarem nesse período, e o Plano de Alternância, que é projetado para cada ciclo da alternância. Conforme afirma Jean-Claude Gimonet (2007),

A alternância real, também chamada de alternância integrativa . . . não se limita a uma sucessão dos tempos de formação teórica e prática, mas realiza uma estreita conexão e interação entre os dois, além de um trabalho reflexivo sobre a experiência. . . . É cada formando que alterna e não a instituição e as aprendizagens de cada um, as relações, conexões e integrações que supõe e que dependem dele mesmo: suas implicações, suas motivações, seu projeto que dão sentido, coerência, unidade e continuidade ao percurso formativo. (Gimonet, 2007, p. 120)

É nesse sentido que, para a realização do Plano de Alternância, os Jovens Agricultores e os Educadores Sociais fazem uso de ferramentas que podem ser adequadas às demandas de cada um em cada momento. São elas: Ficha Pedagógica; Plano de Estudo; Cronograma semanal; Calendário Integrado com as demais CFRs; Práticas de Letramento; Seminários Rurais, Seminários Integrados de Educação Profissional (SIEPs) e Seminários Regionais; pesquisas de campo, testes, provas, etc.

As CFRs do BSB dispõem de uma estrutura capaz de atender 320 jovens por ano, com a metodologia da Pedagogia da Alternância. A cada semana, cada CFR atende a um público de 36 jovens, alternando as turmas do 1º, 2º e 3º ano. Enquanto uma turma está na CFR, as demais estão com suas famílias, em aproximadamente 100 comunidades envolvidas, realizando a alternância correspondente de acordo com o Plano de Curso. Ao todo, já foram mais de mil jovens formados, o que vem contribuindo com a redução da evasão escolar no Ensino Médio e com a redução do êxodo rural na região, gerando renda e oportunidades de trabalho, além da realização pessoal e comunitária.

## 2.1 Os Jovens Agricultores e Suas Famílias e Comunidades

Os adolescentes que ingressam nas CFRs são filhos de Agricultores familiares, comumente pertencentes a comunidades quilombolas e ribeirinhas, e oriundos de cerca de 30 escolas públicas da região. Em 15 anos de existência das CFRs com participação efetiva dos jovens, mais de 150 comunidades rurais do BSB já tiveram algum de seus moradores como estudante, o que significa uma atuação difusa entre suas famílias e no convívio comunitário. Com a faixa etária de 14 a 16 anos, entre os Jovens Agricultores que buscam as CFRs, é possível observar a inserção das meninas nas atividades do campo. A formação nas CFRs contribui para que os adolescentes tenham uma Educação Profissional voltada para o futuro no tempo presente, no qual o autodesenvolvimento e a aprendizagem permanente irão desempenhar um papel mais preponderante para que aprendam a ser líderes de si mesmos e adquiram continuamente novas habilidades, competências e conhecimentos. O conjunto de competências e experiências propicia o salto qualitativo e, desta forma, esses Jovens Agricultores podem vir a se tornar Empreendedores Rurais.

## 2.2 Os Educadores Sociais

Consideramos Educadores Sociais das CFRs os Técnicos Agrícolas Egressos, os Monitores das diversas turmas, os Assessores Pedagógicos e os Diretores. Todos eles são preparados para o exercício da função, focados no desenvolvimento de cada um e de todos, de modo integrado e colaborativo. A formação deles é variada, incluindo Pedagogos, Engenheiros Florestais, Engenheiros Agrônomos, um Zootecnista e uma Médica Veterinária.

Compete a esses Educadores ministrar aulas técnicas integradas à Base Nacional Comum, além de acompanhar os alternantes nos estudos em suas residências. Vale ressaltar o papel dos Assessores Pedagógicos no acompanhamento minucioso e específico de cada estudante quanto às linguagens escrita e matemática, visto que os adolescentes em questão trazem defasagens do Ensino Fundamental.

## 3 Metodologia

A proposta metodológica que intitulamos “Inclusão Qualificada” resulta do estudo, prática e interação com o corpo docente das CFRs, a partir da colaboração dos Educadores Sociais, nos anos de 2016 a 2018. Nesse período, também foi possível acompanhar e compreender como estão os adolescentes que ingressaram a partir de 2015, assim como perceber as mudanças trazidas por estes e suas famílias com base nas crenças ou convivência nas comunidades, já que elas influenciam o contexto rural e repercutem nas escolas.

Ao tempo em que a IQ foi metodologia da investigação, o método então desenvolvido em sua realização foi resultado para a questão de pesquisa de como os Jovens Agricultores poderiam ser envolvidos na seleção das CFRs, de modo a expor seus anseios e aspirações longe das cristalizações de linguagem e comportamentais geralmente presentes nos processos seletivos. Assim, o “caminho percorrido” (em grego, *methodos*) constituiu também o ponto de chegada pretendido.

### 3.1 Pré-Alternância

A inclusão que propomos com essa metodologia ocorre no acolhimento dos adolescentes na chamada “Pré-alternância”, fase final da seleção que consiste em dois dias de vivência em tempo integral na CFR (Fig. 2). Além disso, o processo seletivo tem uma programação pedagógica qualificada, com atividades criativas e atribuição de certificado de participação aos candidatos.



Fig. 2. Jovens Agricultores na aula em campo com Monitor da CFR-PTN, Pré-Alternância 2018. Fonte: Acervo CFRs.

Sutilmente, os Jovens Agricultores revelaram se sentir acolhidos pelo plano pedagógico das escolas, que é atento às necessidades e realidade deles, como é também ancorado nos quatro pilares da Educação preconizados pela UNESCO: 1) *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; 2) *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio e assim produzirem melhor e de forma sustentável; 3) *aprender a viver juntos ou conviver*, a fim de participar e cooperar uns com os outros em todas as atividades humanas; 4) *aprender a ser*, conceito essencial que integra os três precedentes (Delors, 2012).<sup>1</sup>

### 3.2 Ferramenta Metodológica

A IQ teve como objetivo apoiar o processo seletivo discente, apontando aspectos sutis dos talentos presentes entre os candidatos, assim como as capacidades e habilidades por vezes não demonstradas por ansiedade ou timidez proveniente da nova situação. Para tanto, nos três anos de trabalho, que somaram nove seleções, foi aplicada a ferramenta “Fotografia Escrita: identificando necessidades, sentimentos e desafios”. O instrumento consiste numa ficha composta por sete questões, a ser preenchida de forma discursiva por cada candidato à vaga nas CFRs (Tabela 1). Embora fazendo uso da escrita, que não deixa de ser um processo de codificação, o código verbal, os jovens foram incentivados a responder a ficha no impulso do que primeiro pensamento que lhes ocorresse, levando em conta o que defende Pedro Demo (2000) sobre o “saber pensar”:

. . . pensar não é apenas ter ideias, mas tê-las com jeito. Está em jogo uma variedade de facetas relevantes no bom jogo de saber pensar, a começar pelo reconhecimento de que não somos seres racionais. Somos sobretudo emotivos. Enquanto a razão nos torna reticentes, desconfiados, distantes, a emoção nos leva a entregas totais, inventa envolvências profundas... mais vivo, colorido, vibrante. (Demo, 2000, p. 31)

**Tabela 1.** Conteúdo da Ferramenta Metodológica da Inclusão Qualificada. Fonte: Autora.

| <b>Fotografia Escrita: identificando necessidades, sentimentos e desafios</b> |                          |
|---|--------------------------|
| Nome: _____ Idade: _____ Data: ____ ____ ____                                 |                          |
| Município: _____ Comunidade: _____  |                          |
| 1.1 O que eu quero  | 1.2 O que eu não quero   |
| 2.1 O que eu preciso  | 2.2 O que eu não preciso |
| 3. O que eu mais gosto de fazer   |                          |
| 4. Uma grande curiosidade   |                          |
| 5. Deixe a sua mensagem justificando a sua matrícula na CFR                   |                          |

O primeiro passo para a construção da ferramenta “Fotografia Escrita” foi buscarmos informações a respeito do público-sujeito: Qual o seu perfil? Quais as suas necessidades? O que fazer, como fazer, quando deve ser feito e em que condições? Ou tudo isso será definido a partir do próprio público? A partir dessas perguntas, evidenciamos a necessidade de criação de um perfil mais aprofundado do público-sujeito, por isso formatamos o questionário incluindo as versões negativas dos tópicos “O

<sup>1</sup> Publicação referente ao “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”, coordenada por Jacques Delors (2012) e originalmente editada na França, em 1996.



que eu quero” e “O que eu preciso”. Com essa abordagem pelo contraste, objetivamos promover a aprendizagem significativa, estimulando o Educando a fazer perguntas no lugar de apenas dar respostas. Tal atividade construtiva está ligada ao contexto social e interpessoal, sempre que o Educando apreende novas informações na apropriação dos conteúdos e na atribuição das significações.

A partir do terceiro item da ficha, os questionamentos saem do binômio positivo/negativo, possibilitando que seu preenchimento também escape da dicotomia, o que está em consonância com a ideia de “jogo interior” proposta por Timothy Gallwey (2013), que parte da provocação: “. . . o que aconteceria se o autojulgamento do jogador e sua performance pudessem ser substituídos por uma observação de não julgamento do fato?” (Gallwey, 2013, p. 24).

Nesse sentido, o método da “Fotografia Escrita” foi um meio de driblar a autocensura dos adolescentes durante a seleção, já que propiciou uma projeção mais imediata de suas necessidades e vontades, como faz a captura instantânea de uma fotografia. Essa atitude foi adotada pelos jovens diante do ambiente seguro e descontraído construído para a aplicação da ferramenta, tendo seu auge na elaboração do que seria “Uma grande curiosidade”, cujas indagações inusitadas revelaram recônditos os mais diversos.

### 3.3 Aplicação da “Fotografia Escrita”

Nos três anos de realização da Inclusão Qualificada, o processo seletivo iniciou com um universo de aproximadamente 1.000 jovens inscritos. Em 2016, foram 200 selecionados para a etapa final, a Pré-alternância. Desses, 110 foram aprovados e efetivaram matrícula. No ano seguinte, a quantidade de candidatos finalistas foi reduzida para 170, tendo sido mantido os 110 aprovados e matriculados. Já em 2018, dos 180 que participaram da Inclusão Qualificada (Fig. 3), 116 ingressaram nas CFRs. Cabe ressaltar que a diminuição gradativa no número de candidatos selecionados para a Pré-alternância foi devido à necessidade de avanço qualitativo no processo seletivo, que passou a avaliar com mais profundidade os aspectos vocacionais voltados para o campo.



Fig. 3. Aplicação da ferramenta metodológica “Fotografia Escrita” na CFAF, Pré-Alternância 2018. Fonte: Acervo CFRs.

## 4 Resultados

Para a elaboração do método da “Fotografia Escrita” foi fundamental o entendimento de que mesmo na Pré-Alternância, período da seleção das CFRs que possibilita uma maior interação entre os candidatos e a equipe de Educadores, ainda não havia um grau satisfatório de entrosamento entre eles para o reconhecimento dos talentos e habilidades dos jovens. Por isso, com a IQ, inserimos o ato de escrever numa trilha de aprendizagem realizada de forma descontraída, com jogos que possibilitaram forte engajamento com os Educadores, resultando em um ambiente de confiança que gerou interações e revelou curiosidades, sentimentos, anseios e percepções de cada um.

Sendo o Educador um facilitador para a aprendizagem que enfatiza, nesse procedimento, as bagagens sociocultural e informacional trazidas pelos Educandos, realizamos a escuta atenta das respostas colocadas por eles na ferramenta aplicada, escuta esta capaz de acolher as colocações escritas sem julgamentos, mas sim com empatia e propositivamente, através de uma postura de *feedforward* (Ricci, 2016). Isso permitiu flagrar as inquietações e perspectivas desses adolescentes em aspectos diversos, desde a vida pessoal e familiar, até as aspirações profissionais. Além disso, houve uma melhoria no processo seletivo devido à redução da ansiedade dos candidatos, e uma melhoria no resultado a longo prazo da seleção, já que seus critérios passaram a ser avaliados de forma mais aprofundada com a aplicação e análise da “Fotografia Escrita”.

Para tanto, operamos uma análise do discurso ecfrástico (representação verbal de uma representação visual, neste caso, de imagens mentais), de acordo com as etapas de classificação dos dados coletados na pesquisa qualitativa em Educação, conforme pontuado por Menga Lüdke & Marli André (1986, pp. 48-49). Desse modo, a divisão do material, a elaboração de categorias descritivas e a descrição, foram seguidas da apresentação dos dados analisados, com reavaliação das ideias iniciais da investigação, então realizadas neste trabalho.

O referido processo de categorização foi baseado na noção de “curadoria do conhecimento” (Cortella & Dimenstein, 2015), já que consistiu na reunião de aspectos citados pelos candidatos, a partir de filtros não apenas relacionados com os objetivos das CFRs, mas também associados ao imaginário relativo à vida no campo, à liderança comunitária e ao empreendedorismo rural, sem o julgamento entre respostas corretas *versus* erradas. As categorias de análise estabelecidas foram: a) porta de entrada para o futuro; b) meu lugar no mundo; c) ressignificação do ambiente escolar; d) papel de suporte do Educador; e) produzir com a comunidade; f) curiosidades relacionadas aos “aprenderes” considerados pilares da Educação pela UNESCO (Delors, 2012).

Sobre o método curatorial, cabe destacar que, de acordo com Mario Sergio Cortella & Gilberto Dimenstein (2015),

*Curar*, em português lusitano, é ‘pensar’. (...) E pensar é ser capaz de cuidar. A era da curadoria é um momento em que organizamos os nossos espaços de convivência, de vida comum, estruturados em algumas instituições como a escola, os meios de comunicação, em que aquele que é o responsável por coordenar as atividades tem o espírito do curador, isto é, alguém que tem que cuidar para repartir, alguém que precisa proteger e elevar para tornar disponível, para as pessoas que ali estão, seja o conhecimento na escola, seja a informação em relação ao mundo digital. (Cortella & Dimenstein, 2015, p. 19)

No caso aqui abordado, realizamos a curadoria das “falas” dos adolescentes a partir das fichas de “Fotografia Escrita”, entendendo a importância de que, nessa escuta, deveriam ser levados em “. . . consideração tanto o conteúdo manifesto quanto o conteúdo latente do material.” (Lüdke & André, 1986, p. 48). Assim, o método de análise de dados por meio da curadoria foi executado como uma via de acesso mais profundo aos jovens candidatos, já que passamos a conhecer suas demandas, e não apenas apresentar as exigências das escolas onde eles pretendiam ingressar. Essa atitude

permeável e interativa no método de seleção possibilitou que o processo seletivo fosse conduzido de forma mais dinâmica e atrativa para seus atores, inclusive, para a própria equipe de Educadores. Sobre as demandas levantadas, os adolescentes expressaram o quanto estudar nas CFRs do BSB era visto por eles como um caminho para um futuro sem medo de viver no campo. E, por almejam ser técnicos agrícolas, declararam a vontade de aprender com a orientação e suporte dos Educadores, ampliar os conhecimentos, ter projetos produtivos viáveis e, desta forma, não cortar os laços com as famílias e comunidades onde vivem. Ressaltaram, ainda, que necessitam garantir na sua formação um estudo qualificado em um ambiente seguro onde o aprendizado para valores tenha espaço. Com a agudeza na escuta, compreendemos que esses adolescentes, nascidos nos últimos 15 anos, já internalizaram que sonhar é possível e estão ávidos para transformar esses sonhos em realidade, em sinergia com esse conjunto de competências e experiências desenvolvidas nas Casas Familiares Rurais, o que propicia o salto qualitativo necessário para que possam criar uma visão positiva de futuro, desenvolver seus talentos e projetos de vida, exercendo a cidadania e sendo agentes do seu próprio destino.

O acompanhamento dos Jovens Agricultores que ingressaram nas CFRs a partir da Inclusão Qualificada (Fig. 4) permitiu notar um melhor aproveitamento na aprendizagem deles e melhoria também nos projetos com as famílias e comunidades. Somado a isso, percebemos uma boa convivência escolar, mudança nas relações familiares e redução da evasão escolar, então substituída pela escolha dos estudos rurais.



Fig. 4. Jovens Agricultores em atividade de leitura com Monitora da CFAF, Alternância 2018. Fonte: Acervo CFRs.

Consequentemente, as famílias se tornaram mais confiantes, tendo visão de futuro para os filhos nas CFRs. Os Educadores Sociais, por sua vez, da troca de experiência com os jovens, aprenderam com eles, prática chamada de “mentoria reversa”. Como define Renato Ricci (2016), “Na mentoria reversa, um elemento da equipe, mais jovem, assume o papel de mentor de alguém mais sênior, trocando experiências e conhecimentos sobre determinado tema.” (Ricci, 2016, p. 30). O jovem, portanto, torna-se também Educador. Sobre a vivência da Inclusão Qualificada, entendemos ser o processo seletivo dos jovens nas CFRs uma oportunidade para propiciar a formação, mesmo que temporária, de um grupo que tem em comum a realidade da zona rural na região do Baixo Sul da Bahia. Assim, mais que a seleção de apenas alguns para o ingresso nas CFRs, com a metodologia destacamos o aspecto de comunhão e coletividade presente nessa reunião de pessoas com seus anseios e receios, expectativas próprias ao ser humano, mas ainda mais pulsantes nos adolescentes.



## 5 Discussão

Na medida em que a questão da pesquisa aqui discutida buscou por um método de seleção discente para as CFRs do BSB, a opção metodológica então apresentada responde a ela: a Inclusão Qualificada é um modo dos jovens candidatos a essas instituições de ensino serem envolvidos no processo seletivo, em um ambiente de mútua aprendizagem com a equipe de Educadores.

Sobre o engajamento observado nos adolescentes durante a Inclusão Qualificada, destacamos a afirmação de Philippe Perrenoud (2004) de que “Sentir-se em segurança é a base de toda aprendizagem complexa. Mobilizar-se, construir sentido e ficar envolvido é uma segunda condição. Isso não será suficiente se as tarefas não solicitarem cada pessoa, tão frequentemente quanto possível, em sua ‘zona próxima de aprendizagem’.” (Perrenoud, 2004, pp. 64-65). A partir dessa noção, o autor defende uma “pedagogia diferenciada”, que se relaciona diretamente com o lugar da escuta que aqui discutimos. Segundo ele, “Diferenciar é propor a cada aluno, sempre que possível, uma situação de aprendizagem e tarefas ótimas para ele, mobilizando-o em sua zona de desenvolvimento próximo.” (Perrenoud, 2004, p. 45). O próximo, afinal, é o que integra o contexto cognitivo de cada um.

No âmbito da Educação Popular, também propondo uma educação contextualizada, Paulo Freire (2008) destaca a importância da imbricação entre vivência e linguagem, afirmando que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele.” (Freire, 2008, p. 13). Pela via da escrita, entendemos que, igualmente, a escritura do mundo precede a escritura da palavra, por isso valorizamos, através da “Fotografia Escrita”, as questões dos adolescentes, considerando seus contextos anteriores e projetando aspectos futuros, o que fez da Inclusão Qualificada uma seleção contextualizada e com postura de *feedforward*.

Segundo Ricci (2016, p. 69), o termo “*feedforward*” foi utilizado pela primeira vez pelo psicólogo Peter W. Dowrick, em 1976, consistindo num modo propositivo de escuta que fortalece as relações de parceria, sem tecer críticas, nem julgamentos. Nas palavras do autor: “*Feedforward* fornece informações ou cria imagens exclusivamente sobre fatos ou situações positivas futuras, enquanto que o feedback usa informações de um evento passado para fornecer uma reflexão no momento atual.” (Ricci, 2016, p. 69). Foi com essa postura que analisamos as fichas aplicadas, desenvolvendo, a partir da análise delas, atividades de grupo e entrevistas individuais para as seleções, personalizadas de acordo com os contextos de cada grupo e de cada candidato, a cada ano.

Nesse sentido, compreendemos esses adolescentes também como curadores, já que compuseram seu próprio repertório revelado na “Fotografia Escrita”, daí outro motivo para entender esse processo seletivo como uma Inclusão Qualificada. Dessa forma, destacamos que ideias, pensamentos, conhecimentos, assim como afetos, estão em movimento, por isso o curador “Não é um guardião, porque este retém, não passa adiante; não é um guarda do museu, que não deixa o visitante chegar perto; não é um proprietário, que mantém a obra de arte dentro de casa.” (Cortella & Dimenstein, 2015, p. 19). O curador tem o papel de selecionar conteúdos e métodos, a fim de dinamizar a vivência junto a outras pessoas, nos mais diversos âmbitos, entre eles, a escola.

Tratando-se de adolescentes o público principal da Inclusão Qualificada, não podemos deixar de abordar o contexto biopsíquico pelo qual estão passando. A adolescência é tipicamente marcada por buscas, contestações à autoridade e inquietudes. Essas são formas de autoafirmação do jovem no processo de elaboração do seu próprio código de valores, base para construção de sua identidade. Como afirma Antonio Carlos Gomes da Costa (2001), “O adolescente é um ser que se procura e se experimenta. Isso faz com que, nessa fase da vida, ele se defronte com duas tarefas: plasmar sua identidade, ou seja, diferenciar-se dos pais e dos outros educadores do mundo adulto, e construir o seu projeto de vida.” (Costa, 2001, p. 71).

A convivência em grupos orientados para uma tarefa, com lideranças e papéis que fujam ao sectarismo e aos preconceitos, oferece aos adolescentes oportunidades de externar seus ideais e singularidades do mundo interno para o mundo social. Nesses grupos, os jovens têm chance de aprender a realizar, competir e cooperar dentro de formas sancionadas e regulamentadas democraticamente. A identificação com o grupo representa para o adolescente uma forma de neutralizar o peso das novidades turbilhonares típicas da fase. Ao mesmo tempo, permite-lhe testar a capacidade para ser leal a companheiros e/ou a causas, e o incentiva a superar, por meio da experimentação coletiva, o sentimento difuso de insegurança e inibição.

Quando os jovens estereotipam a si próprios e aos seus ideais, o que buscam é se apoiar uns aos outros no processo de definição identitária. Já a ampliação e diversificação das relações afetivas e sociais mediadas por adultos significativos é vital para os adolescentes porque lhes oferecem pontos de referência para a identidade em formação.

Acreditamos no jovem como um ser humano capaz de superar os seus limites e desenvolver suas potencialidades, tornando-se cidadãos ativos, críticos, solidários, criativos e dispostos a participar da construção social. Daí a relevância de reconhecer e possibilitar que ele reconheça seus talentos, habilidades e capacidades, a fim de facilitar o caminho do saber pensar, sentir e agir. Nesse sentido, as CFRs do BSB têm um contexto favorável para tornar realidade aquilo que as Diretrizes Curriculares Nacionais preconizam em relação ao estabelecimento de pontes entre educação, trabalho e cidadania.

A realização numa “visão 360°” das atividades da metodologia aqui discutida promoveu um intenso intercâmbio entre Educandos e Educadores, no qual todos os implicados pesquisaram, aprenderam, participaram e ressignificaram. Desse modo, o processo metodológico serviu como um breve percurso de autoconhecimento para os envolvidos. Uma vez que os Educadores Sociais também se transformaram, assumindo o lugar de Educandos na mentoria reversa, houve uma alternância de papéis, com o que ressoamos o pensamento de Gimonet (2007) de que

Toda alternância reside naquilo que coloca o alternante em jogos de complexidade, de passagens, de rupturas e de relações. Ele encontra e vive entidades diferentes, cada uma com suas especificidades, seus saberes, seu saber-fazer e saber-ser, sua linguagem, sua cultura, seus atores, seus jogos de influência, nos quais o ‘eu’, numa dialética de personalização e socialização, deve situar-se, construir-se e crescer. (Gimonet, 2007, p. 68)

## 6 Considerações Finais

Com a Inclusão Qualificada apresentada, propomos a criação de um método alternativo de pesquisa qualitativa que possibilita a abertura, no campo da escrita, do público em questão, além de atribuir à seleção uma dimensão gregária e outras articulações entre os implicados no processo, como por exemplo a mentoria reversa. A proposta metodológica se mostrou eficaz para integrar candidatos e avaliadores através do exercício da escuta, via uma curadoria das questões e demandas pessoais e profissionais levantadas com a “Fotografia Escrita”, fazendo do processo seletivo um processo também transformativo.

Uma vez que a aprendizagem promove o entrelaçamento da produção do conhecimento com a construção da pessoa, dentro e fora da escola, ela é essencial ao processo cognitivo do Educando, fundamental para o novo papel do Educador e é a função social da escola. Daí a Inclusão Qualificada ser um modo de ampliar a ação das instituições de ensino, através de atividades que vão além da formação dos selecionados – elas atuam, potencialmente, como *trans*-formadoras dos envolvidos na seleção, incluindo a todos estes.

Assim, a contribuição deste trabalho para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa engloba a Educação do Campo, porém a ultrapassa, já que pode ser extrapolada para outros públicos através da escuta da demanda destes. No caso aqui estudado, os jovens participantes tiveram abertas suas potencialidades e continuaram a atuar em suas comunidades a partir das apreensões dessa vivência. Além disso, a atuação dos Educadores Sociais que permanecem na zona rural também é transformada pela aprendizagem com os adolescentes, o que, conseqüentemente, transforma o processo educacional a partir de então.

A contribuição teórica da IQ está atrelada a seu potencial de aplicação prática, uma vez que, na práxis pedagógica, ação e reflexão são indissociáveis. Sendo assim, acreditamos ser esta a sistematização devidamente fundamentada da metodologia proposta enquanto seleção humanizada e profunda, na qual está embutido um aspecto transformativo, tanto discente, quanto docente, superando a mera exclusão de candidatos como acontece tradicionalmente nas seleções.

Devido à rotatividade natural na composição do corpo docente das CFRs, como desafio a ser alcançado em nosso contexto, temos a tarefa de atualizar constantemente esses Educadores no sentido de que eles compreendam as dimensões ainda invisíveis e inaudíveis dos adolescentes, que só são possíveis de ser acessadas com a presença e a escuta. Desafio que se estende aos que pretendem desenvolver a Inclusão Qualificada em seus contextos específicos, que, possivelmente, trarão novas camadas a serem reveladas, escutadas e “curadas”.

**Agradecimentos.** Aos Jovens Agricultores que participaram da Inclusão Qualificada, pelo engajamento na experiência. Aos Monitores e Assessores Pedagógicos das CFRs do BSB, pela presença pedagógica. Aos responsáveis pela documentação iconográfica do processo nas três edições realizadas. A Francisvaldo Roza, Rita Cardoso, Robson Kisaki e Quionei Araújo, por terem confiado no desafio dessa proposta metodológica.

## Referências

- Arroyo, M. G. (2005). A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In M. G. Arroyo, R. S. Caldart, & M. C. Molina (Orgs.). *Por uma Educação do Campo* (pp. 65-86). Petrópolis: Vozes.
- Coordenação Geral de Monitoramento e Avaliação (CGMA). (2015). *Caderno Territorial Baixo Sul - BA*. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Agrário do Brasil, Secretaria de Desenvolvimento Territorial, Sistema de Informações Territoriais. Recuperado de: [http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno\\_territorial\\_021\\_Baixo%20Sul%20-%20BA.pdf](http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_021_Baixo%20Sul%20-%20BA.pdf)
- Cortella, M. S., & Dimenstein, G. (2015). Curadoria do conhecimento. In: Cortella, M. S., & Dimenstein, G. *A era da curadoria: o que importa é saber o que importa* (pp. 19-28). Campinas: Papirus 7 mares.
- Costa, A. C. G. (2001). *O professor como educador: um resgate necessário e urgente*. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães.
- Demo, P. (2000). *Saber pensar*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.
- Estevam, D. O. (2003). *Casa Familiar Rural: a formação com base na pedagogia da Alternância*. Florianópolis: Insular.
- Fonsêca, A. M., & Medeiros, M. O. (2006). Currículo em alternância: uma nova perspectiva para a

- Educação do Campo. In J. B. P. Queiroz, V. Costa e Silva, & Z. Pacheco (Orgs.). *Pedagogia da Alternância: construindo a Educação do Campo* (pp. 105-121). Goiânia: Ed. da UCG; Brasília: Universa.
- Freire, P. (2008). A importância do ato de ler. In: Freire, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.
- Gallwey, W. T. (2013). *The inner game: a essência do jogo interior: performance, aprendizado e prazer no ambiente corporativo*. São Paulo: NewBook.
- Gimonet, J.-C. (2007). *Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs*. Petrópolis: Vozes; Paris: AIMFR.
- Hingel, M. A. (2007). Os Centros Familiares de Formação por Alternância e os desafios da educação no nosso século. *Revista da Formação por Alternância*, 3(5), 19-27.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2018). *Brasil em Síntese*. Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/>
- J. Delors (Coord.). (2012). Os quatro pilares da educação. In: *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco (pp. 73-83).
- Jesus, J. G. (2008). A Pedagogia da Alternância faz 40 anos no Brasil. *Revista da Formação por Alternância*, 3(6), 54-56.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Morin, E. (2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- Perrenoud. P. (2004). *Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar*. Porto Alegre: Artmed.
- Queiroz, J. B. P. (2006). Centros familiares de Formação por Alternância (CEFFAs): origem e expansão no mundo, no Brasil e no Centro-Oeste. In J. B. P. Queiroz, V. Costa e Silva, & Z. Pacheco (Orgs.). *Pedagogia da Alternância: construindo a Educação do Campo* (pp. 15-34). Goiânia: Ed. da UCG; Brasília: Ed. Universa.
- Ricci, R. (2016). *Mentoria estratégica: conceitos e práticas*. São Paulo: NewBook.
- Souza, M. A. (2006). *Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST*. Petrópolis: Vozes.